

RECEPÇÃO DA LITERATURA HEBRAICA NO BRASIL

Saul Kirschbaum¹

Berta Waldman²

RESUMO: A moderna literatura hebraica nasceu no século XIX na Europa, como um instrumento de divulgação das ideias de um movimento que buscava elevar o nível cultural das massas judaicas, que viviam então em pleno atraso medieval. Em seguida, esta literatura acompanhou a grande migração que assinalou o início da colonização da Palestina, assumindo características étnicas, nacionalistas e coletivistas, a serviço da formação de uma nova identidade judaica e da construção de um Estado nacional. Criado o Estado de Israel, o idioma evoluiu de seu estágio inicial, com vocabulário precário e estrutura artificial, para uma língua de expressão plena e dinâmica; esta literatura, agora melhor referida como “israelense contemporânea”, supera suas limitações particularistas, passando a expressar o modo de vida de um povo vivendo em território nacional e produzindo em seu idioma cotidiano. Quanto a sua recepção no Brasil, essa literatura no início é consumida pela coletividade judaica como uma espécie de propriedade comum da etnia; nas últimas três décadas, amplia-se o público leitor, como resultado, talvez, de dois fenômenos: o ingresso dos Estudos Judaicos em programas de pós-graduação das principais universidades e o investimento de editoras em tradução, produção e divulgação das obras de seus principais expoentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura hebraica moderna; Literatura israelense contemporânea; Recepção crítica.

RECEPTION OF HEBREW LITERATURE IN BRAZIL

ABSTRACT: Modern Hebrew literature was born in the 19th century, in Europe, as an instrument for spreading the ideas of a movement that sought to raise the cultural level of the Jewish masses, living in the midst of medieval backwardness. It followed the great migration that marked the beginning of the colonization of Palestine, assuming ethnic, nationalist and collectivist characteristics, in the service of the formation of a new Jewish identity and the construction of a national state. Created the State of Israel, the language evolved from its initial status, with precarious vocabulary and artificial structure, into a full and dynamic language of expression; literature, now better referred as “contemporary Israeli”, overcomes its particularistic limitations, and expresses the way of life of a people living in their national territory and producing in the everyday language. As for its reception in Brazil, in the beginning, literature is consumed by the Jewish community as a sort of common property of the ethnic group; in the last three decades, the readership has expanded, as a result, perhaps, of two phenomena: the entrance of Jewish studies into postgraduate programs of the main universities and the investment of important publishers in the translation, production and divulgation of the works of its main exponents.

KEYWORDS: Modern Hebrew literature; Contemporary Israeli literature; critical reception.

¹ saul.kirschbaum@gmail.com

² USP, Professora de Literatura Brasileira e de Literatura Hebraica e Judaica, bwaldman@usp.br

Literatura hebraica moderna / literatura israelense contemporânea

Neste artigo, entendemos *recepção* no sentido de registro de como estas obras chegaram ao Brasil e suas possíveis interações com o público-alvo.

Por que estudar este fenômeno? Uma característica distingue a recepção dessa literatura, peculiaridade que a diferencia da de outras literaturas estrangeiras: a relação, na mente do leitor judeu, entre a literatura e o Estado de Israel, entidade com a qual grande parte dos judeus da diáspora tem algum tipo de vínculo emocional, o que provoca uma sensação de proximidade, de pertença, e, ao mesmo tempo, de estranhamento.

A literatura hebraica moderna, como tão bem explanou Jacó Guinsburg (1948, p. 21-23), surge na Alemanha e na França, na segunda metade do século XIX, no bojo de uma tentativa assimilacionista, em nome de rígidas construções lógicas que, na melhor das hipóteses, acabam por reduzir o povo judeu a uma seita religiosa.

As correntes de pensamento que refletem os novos conflitos sociais surgidos após a Revolução Francesa contam também com a contribuição de judeus. Marx, Lassalle, Hess, são produtos diretos ou indiretos de Israel. Apesar de toda essa pujança ocidental, só os judeus orientais farão a renovação de seu povo e de sua cultura. Se os ocidentais lançaram as bases de uma crítica impiedosa, os orientais construíram o edifício.

O movimento de *Haskalá*³ começou a penetrar lentamente na Polônia via Galícia, que era então domínio austríaco. Os primeiros “maskilim” (adeptos da Haskalá) tiveram que enfrentar uma sociedade em pleno atraso medieval. A mística “hassídica”⁴ dominava com toda sua força retórica, após ter perdido seu conteúdo democrático. Os povos em cujo meio viviam os judeus orientais estavam em pleno feudalismo.

A literatura iluminista dos “maskilim” enfrentou essa situação com as armas do racionalismo europeu. Inicialmente ela é um movimento de elite. Para a transmissão de seus ideais, utiliza-se de um instrumento linguístico inacessível ao povo, o hebraico, idioma que a maior parte dos judeus não entende; apesar de suas intenções proselitistas, seu alcance é limitado a pequenos círculos intelectuais. Um problema a ser enfrentado foi a incorporação da prosa de ficção como instrumento de expressão. Segundo o crítico literário Robert Alter,

[...] A ficção em prosa foi, durante longo tempo, um gênero periférico na Haskalah: o primeiro romance hebraico não aparece até 1853, e um corpo de ficção artisticamente maduro, livre de insistência didática e estilisticamente adequado a seus propósitos, não começa a emergir até a década de 1880. [...] Mas, eu observaria aqui que a eventual adoção da nova forma pode bem ser outra manifestação da novidade substantiva da literatura hebraica moderna, em comparação com fases anteriores da literatura secular em hebraico. O projeto genérico do romance, de realismo

³ Haskalá (substantivo hebraico, literalmente “instrução”, “educação”, “iluminismo”, “ilustração”): movimento em favor da disseminação da moderna cultura europeia entre os judeus, sobretudo nos séculos XIX e XX.

⁴ Hassidismo: corrente mística moderna nascida em meados do século XVII na Polônia e na Ucrânia, inspirada na Cabala. Esse movimento religioso e social foi fundado por Israel Ben Eliezer, conhecido como Baal Schem Tov, “aquele de bom nome”, ou ainda pela sigla BASHT.

abrangente, de tornar o efeito da linguagem uma ilusão soberana da realidade, afastou-o de gêneros anteriores. (ALTER, 1988, pp. 4-5)⁵

No campo do pensamento, duas correntes bifurcam-se sob a influência dos acontecimentos sociais e políticos da época: a corrente nacionalista, que começa a advogar uma volta espiritual ou física para a Terra Santa, tem como seus expoentes Ahad Haam, Pinsker e outros, que vão se aliar a uma aspiração semelhante, encabeçada pelo ocidental Theodor Herzl, dando origem ao que veio a ser chamado de Sionismo Político. A corrente socialista, por força das mesmas circunstâncias, procura uma solução dentro do país em que vive. É bem conhecido o papel decisivo que o Bund⁶ desempenhou no quadro que veio a desembocar na Revolução Russa de 1917. É o caso de Jitlowski e outros. Do ponto de vista literário, os primeiros são propositores do hebraico e os segundos do ídiche. Entre as duas correntes, trava-se a luta, e a vida judaica ganha uma aceleração jamais conhecida.

Na sequência dos acontecimentos, a corrente hebraista transfere-se para a Palestina, desenvolvendo uma literatura de cunho nacionalista, militante, engajada na luta pela constituição do novo Estado, e em que preponderam as temáticas coletivistas, como a vida kibutsiana⁷, e questões relacionadas à inevitável coexistência com um povo árabe e um estado de guerra permanente.

Consolidado o Estado, a ênfase nas temáticas nacionalistas e coletivistas vai perdendo relevância, a medida em que ganha força a reflexão sobre as relações humanas na sociedade contemporânea mais ampla. O conflito palestino-israelense, porém, permanece atual e fonte de criação literária. Quanto ao idioma hebraico, no processo adquiriu status de língua de expressão e comunicação plenamente desenvolvida, e vem sendo utilizada também por autores palestinos, como Sayed Kashua.

Segundo Rifka Berezin,

A moderna literatura hebraica não nasceu em Israel, mas teve início com o Iluminismo europeu, em diversos países da Europa, principalmente Rússia e Polônia.

O período entre as duas guerras mundiais, quando se revitalizou o núcleo israelense, que gradualmente veio a se tornar o centro desta nova literatura, marcou o fim do policentrismo na literatura hebraica. Em Israel, a literatura deixou de ser, pela primeira vez, em milênios, exclusividade de um círculo

⁵ [...] prose fiction was long a peripheral genre in the Haskalah: the first Hebrew novel does not appear until 1853, and an artistically mature body of fiction, free of didactic insistence and stylistically adequate to its subjects, does not begin to emerge until the 1880s. [...] But I would note here that the eventual embracing of the novel form may well be another manifestation of the substantive newness of modern Hebrew literature in comparison with earlier phases of secular literature in Hebrew. The novel's generic project of comprehensive realism, of making language effect a sovereign illusion of reality, set it off from earlier genres. Tradução nossa.

⁶ Bund ("liga", "união", em ídiche): Partido Social-democrata judaico, fundado em Vilna em 1897, com ampla atividade e grande número de adeptos, em especial na Alemanha, Rússia e Polônia.

⁷ Kibuts: substantivo hebraico, literalmente "comunidade" ou "reunião"; comunidade economicamente autônoma baseada no trabalho agrícola e agroindustrial. Caracteriza-se por ser uma organização igualitária e democrática, administrada por todos os seus membros, também eles proprietários, coletivamente, dos meios de produção.

de estudiosos e filósofos, para se transformar na literatura de um povo enraizado em sua própria terra.

A primeira geração de escritores modernos, com Agnon, H. Azaz, Guenessim, Brener e outros, continuou a buscar inspiração no passado, nas velhas cidadezinhas da Europa oriental, no pequeno mundo da casa de seus pais e avós, onde seus criadores tinham sido educados. Nessas obras, o uso da língua hebraica, aprendida na escola, reflete o profundo conhecimento dos autores em relação à literatura hebraica de cunho religioso. A sua temática inclui também a vida na nova Terra.

O segundo grupo de escritores na nova literatura israelense compreende autores nascidos ou educados em Israel. Neles, o hebraico já adquiriu aquela flexibilidade que faltava aos seus predecessores – é já uma língua falada, viva, espontânea, natural. (BEREZIN, 1978, p. 9)

A criação do Estado, porém, traz a lume novos problemas, que encontrarão sua repercussão na literatura. Segundo Gershon Shaked,

[a]ssim que foi criado o Estado e institucionalizados os seus órgãos oficiais, o sonho virou realidade. E a realidade era diferente do sonho. Os valores da vida coletiva de uma sociedade anti-urbana pura não resistiram à nova sociedade urbana.

A antiga comunidade pioneira “purista” foi inundada pelas ondas da nova imigração. A difícil situação econômica, o racionamento, levou à corrupção. O jovem Estado criou uma nova burocracia, que muito rápido se transformou em velha burocracia. Os jovens que voltavam da guerra (Guerra da Independência – 1948) ficaram decepcionados com a realidade que substituiu os seus sonhos.

E a literatura dos anos cinquenta e início dos sessenta é uma literatura de desengano. Assim, as decepções ideológicas dão origem a obras satíricas, nostálgicas, elegíacas e outras, nas quais os escritores tentam colocar novas bases para a existência individual.

Uma vez que os valores da vida coletiva estavam abalados, era premente encontrar valores individuais com os quais fosse possível conviver. Uma vez que o arquétipo do “herói” desaparecera, era urgente encontrar um anti-herói para a nova realidade.

O que também ficou claro, com a intensificação das ondas da nova imigração, é que a Diáspora e os comportamentos típicos daqueles que viviam fora de Israel não tinham desaparecido. Não era possível ignorá-los: eles faziam parte da vida israelense, não menos do que os nascidos no país. (SHAKED, 1978, p. 17)

A dialética entre a língua hebraica e a literatura israelense foi bem sumarizada por Gershon Shaked nos seguintes termos:

Chegamos ao final de uma longa jornada através de uma literatura que abriu seu caminho sem qualquer território natural ou terreno geográfico, sem uma

linguagem falada e com pouca chance de produzir uma tradição contínua e florescente. No entanto, o que Brenner apelidou de uma literatura ‘contra todas as probabilidades’ foi bem-sucedida apesar dessas probabilidades, e o que já foi uma literatura do gueto e de um seletivo grupo de intelectuais, metamorfoseou-se na voz cultural de uma inteira sociedade moderna, lida, em tradução, também por muitos não-israelenses. A literatura sem uma linguagem não apenas floresceu além de sua própria língua, como também transcendeu suas próprias fronteiras nacionais. A nação que construiria e seria reconstruída produziu uma literatura que ela mesma construiria e seria reconstruída. (SHAKED, 2000, p. 242)⁸

Precursores

Um marco importante na história da difusão da literatura hebraica no Brasil data de 1948; neste ano, Carlos Ortiz e Jacó Guinsburg se associaram para criar a Editora Rampa, com o projeto de lançar “uma programação em português de obras expressivas da cultura judaica, começando por uma *Antologia Judaica*” (ORTIZ, 1948, p. 9). Essa publicação incluiu textos originalmente escritos em hebraico e também em ídiche, alemão, francês e outros idiomas.

O propósito pioneiro, fundador desta iniciativa, é manifestado por Carlos Ortiz nestas palavras:

esta Antologia, como pioneira desses lançamentos, teria a inestimável vantagem de oferecer ao público judeu e não-judeu a oportunidade de uma visão ampla e global, não só da literatura judaica, mas dos mais variados aspectos do judaísmo. Com efeito, nada mais adequado do que uma Antologia, com as notícias bio-bibliográficas dos autores que nela figuram e os excertos de suas obras, debatendo judaísmo em seus ângulos mais diversos e com as opiniões mais desencontradas, para dar ao leitor judeu e não-judeu uma ideia larga e panorâmica do problema complexo e candente que é o problema judeu. (ORTIZ, 1948, pp. 9-10)

Dando continuidade ao projeto, a Rampa publicou diversas obras de textos traduzidos do ídiche.

Outro marco fundamental data de 1965, decorridos dezessete anos da publicação da *Antologia Judaica*, quando o Prof. Jacó Guinsburg fundou a Editora Perspectiva a fim de concretizar um programa editorial bastante ambicioso: a *Coleção Judaica*, abrangendo a produção dos quatro milênios de existência do povo judeu. A *Coleção* se estendeu por treze

⁸ *We have arrived at the end of a long journey through a literature that set on its way without any natural territory or geographical terrain, without a spoken language, and with little chance of producing an ongoing and flourishing tradition. Yet, what Brenner dubbed a literature “against all odds” succeeded despite those odds, and what was once a literature of the ghetto and of a select group of intellectuals metamorphosed into the cultural voice of an entire modern society, read, in translation, by many non-Israelis as well. The literature without a language not only flourished beyond its own language, it transcended its own national borders. The nation that would build and be rebuilt produced a literature that would itself build and be rebuilt.* Tradução nossa.

volumes; alguns destes trouxeram para o leitor brasileiro autores e textos originalmente escritos em hebraico, como, por exemplo, as coletâneas *Nova e Velha Pátria*, de 1966, *Quatro mil anos de poesia*, de 1969, e *O judeu e a modernidade*, de 1970. Em 1967 a Editora Perspectiva lançou *Novelas de Jerusalém*, de Sch. I. Agnon, comemorando a outorga, ao autor, do Prêmio Nobel de Literatura.

Seguiram-se iniciativas isoladas, como a publicação, em 1973, pela Editora Opera Mundi, de *Noivado e outros contos*, de Agnon, em sua Coleção Nobel, a partir da versão em inglês de textos do romancista.

Em outro esforço precursor, em 1977, Jacó Guinsburg publicou o *Guia histórico da literatura hebraica*, pela Editora Perspectiva.

Autores

O ITHL (*The Institute for the translation of Hebrew literature*) atua como agente literário para mais de 320 autores israelenses. Devido ao tamanho reduzido de nosso mercado livreiro, somente uma pequena fração deste conjunto é conhecida entre nós. No Brasil, talvez em parte como consequência da disponibilidade de obras traduzidas, os autores israelenses mais difundidos são:

Amós Oz (1939-2019) nasceu em Jerusalém e mudou-se para o Kibuts Hulda aos 15 anos, onde trabalhou em atividades agrícolas. Estudou Filosofia e Literatura na Universidade Hebraica de Jerusalém. Publicou romances, contos, ensaios e livros para crianças e jovens. É também autor de numerosos artigos que versam sobre o conflito árabe-israelense, e foi uma das figuras de destaque do movimento *Paz Agora* (*Shalom Ahshav*). Em 1991, foi eleito membro pleno da Academia de Língua Hebraica. Recebeu muitas homenagens e prêmios. Publicou 34 livros em hebraico (inclusive um em coautoria com sua filha Fania), dos quais foram traduzidos no Brasil:

E a história começa – Ediouro, s/d;
Meu Michel – Summus, 1982;
Conhecer uma mulher – Companhia das Letras, 1992;
A caixa preta – Companhia das Letras, 1993;
Sumri – Ática, 1995;
Fima – Companhia das Letras, 1996;
Não diga noite – Companhia das Letras, 1997;
Pantera no porão – Companhia das Letras, 1999;
O mesmo mar – Companhia das Letras, 2001;
Contra o fanatismo – Ediouro, 2004;
De amor e trevas – Companhia das Letras, 2005;
De repente, nas profundezas do bosque – Companhia das Letras, 2007;
Rimas da vida e da morte – Companhia das Letras, 2008;
Cenas da vida na aldeia – Companhia das Letras, 2009;

Uma certa paz – Companhia das Letras, 2010;
O monte do mau conselho – Companhia das Letras, 2011;
Judas – Companhia das Letras, 2014;
Entre amigos – Companhia das Letras, 2014;
Os judeus e as palavras (em co-autoria) – Companhia das Letras, 2015;
Como curar um fanático – Companhia das Letras, 2016;
Mais de uma luz – Companhia das Letras, 2017;
Sumchi – Companhia das Letras, 2019;
Do que é feita a maçã – Companhia das Letras, 2019.

A. B. Yehoshua (1936) nasceu em Jerusalém, na quinta geração de uma família sefardita jerusalemita. Após estudar Literatura Hebraica e Filosofia na Universidade Hebraica de Jerusalém, começou uma carreira de ensino. De 1963 a 1967 viveu e lecionou em Paris, e desde 1972 ensinou Literatura Hebraica e Comparada na Universidade de Haifa. Atualmente, é professor emérito. Publicou romances, contos, peças teatrais e ensaios. Recebeu muitos prêmios literários. Publicou 25 livros em hebraico, dos quais foram traduzidos no Brasil:

O amante – Summus, 1984;
Cinco estações – Imago, 1990;
O Sr. Máni – Imago, 1992;
Shiva – Companhia das Letras, 2000;
Viagem ao fim do milênio – Companhia das Letras, 2011;
A noiva libertada – Companhia das Letras, 2007;
A mulher de Jerusalém – Companhia das Letras, 2008;
Fogo amigo – Companhia das Letras, 2010.

David Grossman (1954) nasceu em Jerusalém. Estudou filosofia e teatro na Universidade Hebraica de Jerusalém e, em seguida, trabalhou como editor e locutor na Rádio Israel. Grossman escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais e livros para crianças e jovens. Publicou também livros de não ficção, incluindo entrevistas com palestinos e árabes-israelenses. Recebeu muitos prêmios literários e condecorações. Publicou 18 livros em hebraico, dos quais foram traduzidos no Brasil:

Ver: amor – Nova Fronteira, 1993 / Companhia das Letras, 2007;
Alguém para correr comigo – Companhia das Letras, 2005;
Mel de leão – Companhia das Letras, 2006;
Desvario – Companhia das Letras, 2008;
A mulher foge – Companhia das Letras, 2009;
Duelo – Companhia das Letras, 2010;
Fora do tempo – Companhia das Letras, 2012;
Boa noite, girafa – Companhia das Letras, 2013;
Garoto zigue-zague – Companhia das Letras, 2014;

O livro da gramática interior – Companhia das Letras, 2015;
O inferno dos outros – Companhia das Letras, 2016.

Saindo desses três autores *best-sellers* – consideradas as dimensões de nosso mercado leitor – poucos contam com mais de três traduções no Brasil, entre os quais os consagrados Schmuel I. Agnon e Aharon Appelfeld. É possível que poucos outros, como Etgar Keret, que está em plena atividade, venham a ocupar espaço mais expressivo. Um apanhado sujeito a omissões mostra um quadro pouco animador. Obras isoladas, relançamentos, retraduições. Uma exceção é Yuval Noah Harari, fenômeno midiático, que conta com diversas reedições.

Aharon Appelfeld

Badenheim 1939 – Tzili – Summus, 1986

Expedição ao inverno – Perspectiva, 2011

Badenheim 1939 – Amarilys, 2012

Volto ao anoitecer – FTD, 2016

Ayelet Gundar-Goshen

Uma noite, Marcovitch – Todavia, 2018

Etgar Keret

De repente, uma batida na porta – Rocco, 2014

Filhote de Gato-gente – Edições SM, 2014

Sete anos bons – Rocco, 2015

Meir Shalev

Um pombo e um menino – Bertrand Brasil, 2010

Nir Baram

Boas pessoas – Alfaguara, 2014

Orly Castel-Bloom

Partes humanas – Imago, 2003

Schmuel I. Agnon

Novelas de Jerusalém – Perspectiva, 1967

Noivado e outros contos – Opera Mundi, 1973

Contos de amor – Perspectiva, 1996

Uma história simples – Perspectiva, 2002

Hóspede por uma noite – Perspectiva, 2014

Yakov Shabtai

Passado contínuo – Imago, 1996

Yehuda Amichai

Terra e paz – Bazar do tempo, 2018

Yoram Kaniuk

A ressurreição de Adam Stein – Francisco Alves, 1981

Exodus: a odisseia de um comandante – Imago, 2000

Adam, filho de cão – Globo, 2003

Yuval Noah Harari

Sapiens – Uma breve história da humanidade – L&PM, 2016

Homo Deus – Companhia das Letras, 2016

21 lições para o século 21 – Companhia das Letras, 2018

Zeruya Shalev

Vida amorosa – Imago, 2002

Literatura Hebraica na academia

O acesso da Literatura Hebraica à academia está intimamente ligado à criação do curso de graduação em Hebraico na USP. Segundo informa a professora Nancy Rozenchan (2013, p. 1), “o curso foi criado pelo Rabino Prof. Dr. Fritz Pinkuss⁹, em 1963, junto ao Departamento de História da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”.

De acordo com a mesma pesquisadora (ROZENCHAN, 2013, p. 3), “[a] partir de 1966, o curso passou a contar com a colaboração da Profa. Dra. Rifka Berezin, a quem se deve o grande impulso dado para o estudo da língua hebraica, de sua gramática, e da literatura hebraica”.

Com o objetivo de prover material didático para esse novo escopo, a Profa. Rifka Berezin organizou a tradução e a publicação de duas antologias de contos israelenses, trazendo para o leitor brasileiro o contato com uma vintena de autores até então pouco conhecidos por aqui. Em 1978, *O novo conto israelense*, foi publicado pela Edições Símbolo, e, em 1983, *A geração da terra*, pela Summus editorial, ambas de São Paulo. Esse objetivo é evidenciado nas palavras da própria organizadora:

Este livro nasceu das dificuldades que vimos enfrentando em nossos cursos de literatura hebraica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ao desenvolver os cursos de literatura israelense contemporânea, deparamos com a escassez de material traduzido para o português e, em conjunto com os nossos alunos e colaboradores, iniciamos a elaboração desse projeto: traduzir e publicar a nova ficção israelense, começando pelos contemporâneos, que são totalmente desconhecidos no nosso meio e na nossa língua, para prosseguir, depois, com a tradução e publicação da ficção israelense anterior a eles, da qual já existem algumas obras publicadas em português pela Editora Perspectiva e pela Editora Biblos. Posteriormente, pretendemos continuar com a tradução das obras básicas dos “pais da nova literatura hebraica”. (BEREZIN, 1978, p. 11)

Por fim,

⁹ Nascido em 13 de maio de 1905 em Egel, Alemanha, o rabino Fritz Pinkuss faleceu em São Paulo em 1994. Foi autor de livros como *Estudar, ensinar, ajudar, seis décadas de um rabino em dois continentes*, *Quatro milênios de existência judaica*, *Tipos de pensamento judaico* e *Israel – Povo dos milênios*. Foi diretor do Centro de Estudos Judaicos da USP e uma das maiores autoridades em assuntos judaicos e do Oriente Médio.

[a] sequência natural deu-se no final da década de 80, mais exatamente em 1989, quando, ainda com apoio do Prof. Pinkuss, foi criado o Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, com o Mestrado reconhecido pela CAPES em 1989 e o Doutorado, em 1996. (ROZENCHAN, 2013, p. 4)

Registre-se que o curso de graduação em Hebraico e os cursos de pós-graduação foram relevantes na divulgação da Literatura Israelense contemporânea entre os alunos; não obstante, não foram suficientes para manter em movimento estável uma tendência de crescimento da base leitora dessa literatura.

Fortuna crítica

Em consequência da posição periférica do Brasil em relação a Israel, é virtualmente impossível avaliar a eventual contribuição de críticas aqui produzidas para as obras originais. Por outro lado, para o público consumidor o conhecimento desta literatura favorece a compreensão do cotidiano da sociedade israelense.

O interesse do leitor brasileiro pela Literatura Hebraica moderna – ou, mais propriamente, pela Literatura Israelense Contemporânea – interage sinergeticamente com a produção de textos de apresentação, de análise, de reflexão, resenhas, enfim, com o conjunto que forma a fortuna crítica dos autores e obras em circulação, uma vez que um e outro se alimentam mutuamente.

Muitos dos livros publicados com traduções do hebraico se fizeram acompanhar de textos de análise crítica. Para exemplificar:

Nova e velha pátria, publicado pela Editora Perspectiva em 1966, na Coleção Judaica, trouxe junto uma “Introdução” de Jacó Guinsburg, com extensão de 17 páginas.

A obra *Novelas de Jerusalém* de Schmuel I. Agnon, de 1967, veio com os estudos “Agnon ou o engajamento no rito”, de autoria de Vilém Flusser, “A religião na obra de Agnon”, de Baruch Kurzweill, e “Tradição e modernidade em Sch. I. Agnon”, de Jacó Guinsburg.

Quatro mil anos de poesia, da Coleção Judaica da Editora Perspectiva, publicada em 1969, trouxe uma longa introdução, de autoria de Zulmira Ribeiro Tavares.

O judeu e a modernidade, de 1970, também integrante da Coleção Judaica, contou com uma introdução de autoria de Walter Rehfeld.

Noivado e outros contos, de Schmuel I. Agnon, publicado pela Editora Opera Mundi, em 1973, foi acompanhado do estudo “Vida e obra de Shmuel Yoseph Agnon”, por Noé Gruss, com extensão de 20 páginas.

O novo conto israelense, antologia organizada por Rifka Berezin em 1978, apresenta o estudo “A ficção hebraica após a Guerra da Independência (1948)”, de autoria de Guershon Shaked.

A obra *Meu Michel*, de Amós Oz, 1982, veio acompanhada do texto crítico “Meu Michel – um romance de Jerusalém”, de autoria de Rifka Berezin.

A antologia *A geração da terra*, de 1983, também publicada por Rifka Berezin, traz uma introdução escrita pela própria organizadora.

A prática de agregar estudos críticos ao texto matriz tem sido mantida em publicações mais recentes, como é o caso da antologia *Contos de amor*, de Schmuel I. Agnon, de 1996, seguida do ensaio “O Apaixonado, O Abandonado, O Justo”, de Sérgio Coelho.

Em *Expedição ao inverno*, de Aharon Appelfeld, publicado em 2016 pela Editora Perspectiva, o tradutor, Luis Krausz, inclui, como posfácio, seu estudo intitulado “A tradução hebraica de um conflito europeu”.

Também *Badenheim 1939*, de Aharon Appelfeld, publicado em 2012, incorpora um prefácio de autoria do tradutor, Moacir Amâncio.

Hóspede por uma noite, de Schmuel I. Agnon, publicado em 2014, vem acompanhado dos estudos “Apresentação”, de autoria de Berta Waldman, “Tradição e modernidade em Sch. I. Agnon”, de J. Guinsburg, e “A cidade em ruínas de Sch. I. Agnon”, de Luis Krausz.

Terra e paz: antologia poética de Yehuda Amichai publicada em 2018, traz o estudo “Para bagunçar a Bíblia: Yehuda Amichai e a reinvenção da tradição”, de autoria de Moacir Amâncio.

As revistas acadêmicas, algumas das quais especializadas em Cultura e Literatura Judaicas, ou que acolhem apresentações em congressos, representam também importantes espaços para divulgação de estudos sobre autores e obras literárias israelenses. Entre elas, pode-se citar:

Arquivo Maaravi, revista digital de estudos judaicos da UFMG;

Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, publicação do curso de pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, FFLCH-USP;

Devarim, da Associação Religiosa Israelita – ARI, Rio de Janeiro;

Revista de Estudos Judaicos, do Instituto Histórico Israelita Mineiro;

Vértices, publicação (agora digital) da Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas;

WebMosaica, revista de estudos judaicos do Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Por fim, mais recentemente, pesquisadores têm publicado livros de ensaios com artigos dedicados à reflexão crítica sobre autores e obras israelenses, ainda que, algumas vezes, não traduzidas ao português. Entre outros, podemos citar:

Dois palhaços e uma alcachofra: uma leitura do romance *A ressurreição de Adam Stein*, de Yoram Kaniuk, de Moacir Amâncio, publicado pela Nankin Editorial em 2001;

Literatura hebraica: vertentes do século XX, de Nancy Rozenchan, publicado em 2004 pela Editora Humanitas, com ensaios sobre vários autores israelenses contemporâneos;

Linhas de força: escritos sobre literatura hebraica, de Berta Waldman, publicado em 2004 pela Humanitas, igualmente incorpora ensaios sobre vários autores contemporâneos;

O Sr. Máni, A. B. Yehoshua: considerações sobre a identidade judaico-israelense, de Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira, publicado em 2004 pela Editora Humanitas;

Em 2005, Moacir Amâncio organizou *Ato de presença: hineni*, homenagem a Rifka Berezin, agrupando ensaios sobre literatura judaica, nem sempre relativos a obras originalmente escritas em hebraico por autores israelenses;

Em 2011, Berta Waldman e Saul Kirschbaum publicaram *Ensaio sobre literatura israelense contemporânea*, contendo ensaios sobre diversas obras e autores; na apresentação, os organizadores agregam sua análise “Em foco a literatura israelense contemporânea”;

Em 2013, Luis Krausz lançou pela Editora Humanitas *Ruínas recompostas: Aharon Appelfeld e os rastros do judaísmo centro-europeu*;

Em 2016, Leniza Kautz Menda publicou pela Editora Artes e Ofícios *Rindo do trágico: o humor na literatura israelense contemporânea*, analisando diversos autores israelenses com ênfase no componente de humor de suas obras;

Em 2018, Lyslei Nascimento e Neide Nagae organizaram *Desafios críticos: literaturas estrangeiras em pauta*, obra que inclui, entre outras, análises de autores e obras israelenses;

Despertar para a noite e outros ensaios sobre a Shoah, de Lyslei Nascimento, publicado em 2018, trata, em um de seus capítulos, de obra de autor israelense contemporâneo;

Também de 2018, *Literaturas estrangeiras: percepções do real e representação na contemporaneidade* é organizado por Ana Cecília Olmos, que igualmente traz análise de autores israelenses contemporâneos.

Cabe ressaltar que os textos aqui relacionados não esgotam as publicações sobre autores e obras hebraicas modernas.

À guisa de conclusão: público-alvo

Até meados da segunda metade do século XX, não há propriamente recepção de literatura hebraica no Brasil.

As publicações no Brasil de obras escritas originalmente em hebraico têm como público-alvo, no início, a própria comunidade judaica, acrescida de não judeus interessados na cultura desse povo; lembremos, como antes referido, que a Editora Rampa publicou a *Antologia Judaica*, em 1948, como primeira etapa de um projeto de lançar “uma programação em português de obras expressivas da cultura judia”. De fato, a Editora Rampa continuou a implementação de seu projeto, mas dedicou-se a obras traduzidas do ídiche.

Podemos supor que o interesse da comunidade não se localizava no fato de se tratar especificamente de uma literatura hebraica, mas *tout court* judaica; a comunidade a consome como uma espécie de propriedade cultural comum do grupo étnico: “tudo o que os judeus do mundo todo produzem nos diz respeito”. De qualquer forma, o nível de consumo de literatura judaica, seja qual for sua origem, é muito baixo.

A situação começa a mudar na década de 1970, quando o estudo da Língua e da Literatura Hebraica abre espaço para a publicação, por iniciativa da Profa. Rifka Berezin, das antologias *O novo conto israelense* e *A geração da terra*, ampliando o público, que agora inclui os estudantes do curso de graduação em Hebraico da USP. Uma nova etapa

é atingida no final da década de 1980, com a criação do Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas.

Nas últimas três décadas a recepção da Literatura Hebraica no Brasil ultrapassa de forma expressiva as fronteiras étnicas da comunidade judaica, em consequência, principalmente, de dois fatores: por um lado, a entrada dos Estudos Judaicos nos programas de pós-graduação das principais universidades, e, por outro, o investimento de grandes editoras, confiantes na crescente popularidade da literatura israelense nos mercados livreiros da Europa e dos Estados Unidos, na tradução, produção e divulgação de obras dos autores israelenses contemporâneos mais difundidos; cabe destacar, entre outras, a Editora Perspectiva e a Companhia das Letras.

Em conexão com a abertura dos programas de pós-graduação aos Estudos Judaicos, obras foram publicadas visando a esse novo mercado leitor. Waldman e Kirschbaum, por exemplo, anunciam que

O público-alvo deste livro são os alunos de graduação e pós-graduação da área de Língua e Literatura Hebraica da USP, mas também todo leitor interessado nessa rica e multifacetada literatura, que conta com um número crescente de ótimos prosadores e poetas, muitos deles de projeção internacional.

Esperamos que o livro cumpra o seu destino de interagir com o leitor e de criar novos leitores capazes de conduzir adiante este trabalho. (WALDMAN; KIRSCHBAUM, 2011, p. 10)

Somente para exemplificar o papel empreendedor exercido pelas editoras, o romance *Judas*, de Amós Oz, publicado em 2014, em 2016 já tinha sido objeto de quatro reimpressões. Não obstante, esse sucesso de vendas deve ser visto como um fato isolado, vinculado à estrutura comercial da editora e ao prestígio do autor. Note-se que Amós Oz veio ao Brasil várias vezes, inclusive em 2007, para participar da FLIP, em Parati.

Em síntese, a situação geral continua de marasmo, um círculo vicioso: a estreiteza do mercado de leitores não estimula o lançamento de novas traduções, a falta de novos lançamentos contribui para a não expansão do mercado de leitores.

Sugestões de leituras complementares

Além dos textos citados, relacionados adiante em “Referências”, sugerimos, ao leitor interessado, a consulta às seguintes obras:

ALTER, R. *Modern Hebrew Literature*. New York: Behrman House, 1975.

ALTER, R. *Hebrew & modernity*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

ALTER, R. *Em espelho crítico*. Sérgio Medeiros e Margarida Goldsztajn (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1998.

- BENSHALOM, B. *A literatura hebraica entre as duas guerras mundiais*. Jerusalém: Departamento de publicações da Agência Judaica, 1959.
- ENCARNACION VARELA, M. *Historia de la literatura hebrea contemporánea*. Barcelona: Ediciones Mirador, 1992.
- GUINSBURG, J. *As portas de Sion*. São Paulo: Centro Cultural Brasil-Israel, 1960.
- HALKIN, S. *La littérature hebraïque modern*. Paris: PUF, 1958.
- KLAUSNER, I. *Compendio de literatura hebrea moderna*. Buenos Ayres: Sociedad Hebraica Argentina, 1955.
- MINTZ, R. *Modern Hebrew poetry*. Berkeley: University of California, 1961.
- NAVÉ, P. *Die neue Hebräische Literatur*. Berna: Franke Verlag, 1962.
- PENUELI, S.; UKHMANI, A. *Hebrew short stories*. Tel Aviv: Institute for the translation of Hebrew literature, Meggido Publisher, 1965.
- PENUELI, S.; UKHMANI, A. *Anthology of modern Hebrew poetry*. Jerusalem: Israel University Press, 1966.
- SCHAANAN, A. *A moderna literatura hebraica e suas correntes*. J. Guinsburg (trad.). São Paulo: Centro de Estudos Judaicos, 1980.
- WAXMAN, M. *History of Jewish literature*. New Jersey: London: Thomas Yoseloff, 1960.
- WIRTH-NESHER, H. *What is Jewish literature?* Philadelphia; Jerusalem: The Jewish publication society, 1994.

Referências

- AGNON, Sch. *Novelas de Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- _____. *Noivado e outros contos*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.
- _____. *Contos de amor*. Rifka Berezin (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. *Hóspede por uma noite*. Zipora Rubinstein (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ALTER, R. *The invention of Hebrew prose: modern fiction and the language of realism*. Seattle and London: University of Washington Press, 1988.
- AMANCIO, M. *Dois palhaços e uma alcachofra: uma leitura do romance A ressurreição de Adam Stein*, de Yoram Kaniuk. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- _____. (org.). *Ato de presença: hineni* (homenagem a Rifka Berezin). São Paulo: Humanitas, 2005.
- _____. “Para bagunçar a Bíblia: Yehuda Amichai e a reinvenção da tradição”. In: AMICHAÏ, Y. *Terra e paz: antologia poética*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, pp. 9-15.
- AMICHAÏ, Y. *Terra e paz: antologia poética*. Moacir Amâncio (trad.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- APPELFELD, A. *Expedição ao inverno*. Luis Krausz (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *Badenheim 1939*. Moacir Amâncio (trad.). Barueri: Amarilys, 2012.
- BEREZIN, R. (org.). *O novo conto israelense*. São Paulo: Símbolo, 1978.

- _____. “Meu Michel – um romance de Jerusalém”. In: OZ, A. *Meu Michel*. São Paulo: Summus, 1982, pp. 5-8.
- _____. (org.). *A Geração da Terra: contos israelenses*. São Paulo: Summus, 1983.
- COELHO, S. “O Apaixonado, O Abandonado, O Justo”. In: AGNON, Sch. *Contos de amor*. São Paulo: Perspectiva, 1996, pp. 277-280.
- FLUSSER, V. “Agnon ou o engajamento no rito”. In: AGNON, Sch. *Novelas de Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1967, pp. 7-15.
- GRUSS, N. “Vida e obra de Schmuél Yosseph Agnon”. In: AGNON, Sch. *Noivado e outros contos*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973, pp. 27-47.
- GUINSBURG, J. “Panorama da literatura Judaica”. In: ORTIZ, C.; GUINSBURG, J., *Antologia Judaica*, 1948, p. 15-24.
- _____. (org.). *Nova e velha pátria*. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- _____. “Tradição e modernidade em Sch. I. Agnon”. In: AGNON, Sch. *Novelas de Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1967, pp. 43-55.
- _____. (org.). *Quatro mil anos de poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- _____. (org.). *O judeu e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. *Guia histórico da literatura hebraica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- KRAUSZ, L. “A tradução hebraica de um conflito europeu”. In: APPELFELD A. *Expedição ao inverno*. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp. 231-269.
- _____. *Ruínas recompostas: Aharon Appelfeld e os rastros do judaísmo centro-europeu*. São Paulo: Humanitas, 2013.
- _____. “A cidade em ruínas de Sch. I. Agnon”. In: AGNON, Sch. *Hóspede por uma noite*. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 557-564.
- KURZWEILL, B. “A religião na obra de Agnon”. In: AGNON, Sch. *Novelas de Jerusalém*. São Paulo: Perspectiva, 1967, pp. 23-42.
- MENDA, L. *Rindo do trágico: o humor na literatura israelense contemporânea*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2016.
- NASCIMENTO, L.; NAGAE, N. *Desafios críticos: literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte: Quixote-Do Editoras Associadas, 2018.
- _____. *Despertar para a noite e outros ensaios sobre a Shoah*. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Associadas, 2018.
- OLMOS, A. (org.). *Literaturas estrangeiras: percepções do real e representação na contemporaneidade*. São Paulo: Todas as Musas, 2018.
- ORTIZ, C. “Introdução”. In: Ortiz, C.; Guinsburg, J. (orgs.). *Antologia Judaica: Era rabínica e Era moderna*. São Paulo: Editora Rampa, 1948, p. 9-13.
- ORTIZ, C.; GUINSBURG, J. (orgs.). *Antologia Judaica: Era rabínica e Era moderna*. São Paulo: Editora Rampa, 1948.
- OLIVEIRA, L. *O Sr. Máni, A. B. Yehoshua: considerações sobre a identidade judaico-israelense*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- OZ, A. *Meu Michel*. Rifka Berezin, Sonia Boguchwal e Nora Rosenfeld (trad.). São Paulo: Summus, 1982.
- ROZENCHAN, N. “Literatura israelense com sotaque brasileiro”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 3, p. 311-320, 2001.

_____. *Literatura hebraica: vertentes do século XX*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

_____. “Saudação por ocasião do cinquentenário da criação do curso de graduação de hebraico”. *Revista Vértices*, São Paulo, v. 15, p. 1-6, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/1509>>. Acesso em 11/mar/2019.

SHAKED, G. “A ficção hebraica após a Guerra da Independência (1948)”. In: BEREZIN, R. (org.). *O novo conto israelense*. São Paulo: Símbolo, 1978, pp. 13-27.

_____. *Modern Hebrew fiction*. (trad. Yael Lotan). Bloomington: Indiana University Press, 2000.

WALDMAN, B. *Linhas de força: escritos sobre literatura Judaica*. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. “Apresentação”. In: AGNON, Sch. *Hóspede por uma noite*. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 17-25.

WALDMAN, B.; KIRSCHBAUM, S. (orgs.). *Ensaio sobre literatura israelense contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2011.

Recebido em: 30/04/2019

Aceito em: 26/05/2019

Referência eletrônica: KIRSCHBAUM, Saul; WALDMAN, Berta. Recepção da Literatura Hebraica no Brasil. *Criação & Crítica*, n. 24, p., out. 2019. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.